

Escolinha de Arte do Brasil (EAB): algumas
ressonâncias

Brazilian Little School of Art (EAB): some resonances

Sidiney Peterson Ferreira de Lima*

* Mestre em Artes pelo Instituto de Arte/UNESP (2014). Doutorando, em Artes, pelo IA/UNESP, São Paulo- SP, Brasil. Contato: s.lima87@yahoo.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4374-127>

Resumo |

O trabalho tem como finalidade situar a Escolinha de Arte do Brasil (EAB) como espaço de formação de arte-educadoras(es), considerando algumas experiências realizadas ao longo da década de 1950 até a realização do “estágio intensivo”, em 1960. Ao analisar as experiências realizadas na instituição, no período mencionando, discutimos essas experiências como importantes ações para mudanças, no âmbito da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), provocadoras do que chamamos de ressonâncias, dentre elas a transformação da instituição, de um espaço de desenvolvimento de ações exclusivamente para crianças, para um reconhecido centro de formação docente.

Palavras-chave: Escolinha de Arte do Brasil. Formação de arte-educadoras(es). CIAE. História.

Abstract |

The purpose of this paper is to locate the Escolinha de Arte do Brasil (EAB) as a space for the formation of art educators, considering some experiences carried out during the 1950s until the “intensive stage”, in 1960. To analyze the experiences carried out in the institution, in the period mentioned, we discuss these experiences as important actions for change, within the scope of the Escolinha de Arte do Brasil (EAB), provoking what we call resonances, including the transformation of the institution, a space for development of actions exclusively for children, for a recognized teacher training center.

Keywords: Escolinha de Arte do Brasil. Training of art educators (s). CIAE. History.

Escavando o passado (ou primeiras palavras) ...

Escavar não é unicamente abrir a terra para tirar dela coisas mortas há muito tempo

É também manejar, na terra aberta- lavrada, "laborada", como se dizia antigamente-, uma passagem para formas com memória de seu devir, de seu nascimento e crescimento futuros.

Georges Didi-Huberman

Na obra *Rua de Mão Única* (2012), há um sucinto texto, denominado "Escavando e recordando" (BENJAMIN, 2012), que se encontra na seção "Imagens do pensamento" (*denkbilder*). Nele, o filósofo Walter Benjamin estabelece algumas relações entre a prática da escavação e o ingresso ao passado¹. Nesse escavar, importa não apenas o encontrado, mas também o próprio processo de escavação e todas as camadas revolvidas pela ação.

Por ocasião do *Seminário Histórias da Arte/Educação: diálogos com Ana Mae Barbosa*, realizado no Instituto de Arte-UNESP, em 2016, fizemos uma apresentação sobre certas ressonâncias da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), em busca da compreensão acerca da transição da instituição de um espaço específico de ações educacionais e artísticas, voltadas exclusivamente para crianças, para um reconhecido espaço de formação docente. Iniciávamos, então, pesquisa de doutorado, com orientação da professora Rejane Galvão Coutinho, sobre o Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE), criado na EAB em 1961². Naquele momento, foi importante apresentar os materiais estudados como leituras (ou escavações) iniciais, e dialogar sobre os mesmos com a mestra Ana Mae, que muito contribuiu com seus comentários.

¹ Os textos que constituem as "Imagens do pensamento" foram escritos entre 1925 e 1934 e publicados apenas postumamente (ARAÚJO, 2014, p. 247). Neste trabalho, recorreremos aos textos publicados em 2012, na obra **Rua de Mão Única**, pela editora Brasiliense.

² Pesquisa com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Assim, o trabalho aqui apresentado é escrito a partir de revisões daquelas leituras e de análises dos arquivos da EAB sobre distintas experiências formativas.

Escolinha de Arte do Brasil: movimentos e desdobramentos

Recordada por educadores - entre outros, Barbosa (1975), Teixeira (1970) e Frange (2001) - como uma experiência modelo de um processo educativo que se apoia na arte para desenvolver a capacidade criadora da criança, a Escolinha de Arte do Brasil, criada em 1948, na cidade do Rio de Janeiro, manteve tão forte repercussão no contexto educacional brasileiro que, nos anos seguintes à sua fundação, outras iniciativas similares foram empreendidas em diferentes estados do país. Entre as primeiras escolinhas criadas, na década de 1950, destacam-se como pioneiras a Escolinha de Cachoeiro do Itapemirim, dirigida por Izabel Braga Rocha, a Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre, dirigida por Edna Soter e Major Fortunato de Oliveira, a Escolinha de Arte da Bahia, dirigida por Maria Rosita Salgado Góes e a Escolinha de Arte do Recife, dirigida pela arte-educadora Noemia de Araújo Varela. As ações desenvolvidas na Escolinha de Arte do Brasil (EAB) ecoaram no Brasil e no exterior, provocando o reconhecimento do que veio a se denominar Movimento Escolinhas de Arte (MEA). Esse movimento, até o final dos anos de 1970, congregou cento e quarenta e quatro Escolinhas de Arte (RODRIGUES, 1978). Em comum, trabalhavam fora do sistema educacional público ao mesmo tempo em que buscava, independentemente, em seu processo de desenvolvimento, contaminá-lo pelo princípio filosófico maior da

Escolinha de Arte do Brasil (EAB) e, por decorrência, do MEA: a educação através da arte³.

Com a divulgação da proposta da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), a partir da década de 1950, predomina no país a “[...]interpretação do desenho infantil como produto de habilidades conaturais da criança para interpretar o mundo” (ANTONIO, 2012, p. 16) ao seu redor. Uma criança considerada como um ser dotado de capacidade para se expressar com “beleza e arte” (ANTONIO, 2012, p. 16), sem a necessidade de orientação de adultos, pois, qualquer tipo de intervenção bloquearia este fazer que “vem de dentro”. Este conceito de “criança criadora” alcançou grande difusão com as exposições de desenhos e pinturas infantis; consideração que, no período modernista, “[...] tinha um valor intrínseco celebrado: o valor da expressão livre de amarras sociais e de dogmas estéticos” (BARBOSA, 2015, p. 310). As exposições e coleções de “arte infantil”⁴, expressão que se tornava popular naquele momento, foram “[...] álibis para a aceitação da Pedagogia centrada na criança do Modernismo [...]” (BARBOSA, 2015, p. 310), mas também podem ser vistas como uma forma de entendimento do valor da Arte na Educação (BARBOSA, 2015).

O entendimento da arte como atividade fundamental no processo de desenvolvimento da criança passou a exigir a formação de um especialista preparado para atuar como estímulo da capacidade de criar (ANTONIO, 2012). Dessa forma, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB) passou a trabalhar no sentido de incentivar a difusão de seus

³ Programa de ação que fundamentou as práticas na Escolinha de Arte do Brasil (EAB) e que tem como principal divulgador o crítico inglês Herbert Read, que escreveu a obra “Educação pela arte” (1943). Contudo, acreditamos que outras experiências e escritos, realizados por educadores e artistas latino-americanos, tenham transitado pela EAB.

⁴ O poeta modernista Mário de Andrade (1893-1945) interessou-se pela manifestação artística das crianças e colecionou centenas de desenhos infantis que atualmente estão conservados no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB/USP). Sobre a temática, ver em COUTINHO (2002).

princípios ideológicos e filosóficos; contudo, era necessário “[...] trabalhar com cautela [...]” (RODRIGUES, 1973, p. 254), pois, se por um lado, a ideia de abertura de novas Escolinhas propagaria a experiência EAB e a filosofia de “educação através da arte”, por outro lado havia um risco. Sobre a questão, a arte-educadora Noemia Varela, diretora técnica e pedagógica da EAB entre 1959 e 1981, ponderou que, “[...] uma instituição se expressa mais na qualidade de suas iniciativas do que na proliferação estereotipada de suas experiências” (VARELA, 1977, p. 55).

Ainda sobre o tema, Varela (1977) afirma o risco dessa proliferação no país, em especial na década de 1950, quando “muitas ‘escolinhas’ foram fundadas sem a necessária vinculação ideológica e formativa com a experiência do Rio de Janeiro, porque “[...] o Brasil não é brincadeira, é grande, e há outro aspecto, iniciativas de sucesso ficam na moda” (VARELA, 1978, p. 420). Como combater um propenso desgaste da experiência e da nomenclatura Escolinha? Como combater possíveis práticas inócuas, e trabalhar no sentido de expandir as diretrizes filosóficas e metodológicas da EAB?

É possível considerar que uma solução encontrada para o problema ocorreu com a criação e oferecimento daqueles que se “[...] constituíram como os primeiros cursos regulares, frequentes, continuados, para formação dos professores modernistas de Arte no Brasil [...]” (BARBOSA, 2015, p. 394), o Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE).

A criação do Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) foi resultado, como aponta Noemia Varela, de uma série de iniciativas realizadas na fase mais grandiosa da Escolinha; que na visão da arte-educadora, teve início na década de 1950, estendendo-se até fins da década seguinte. Contudo, os melhores resultados foram fruto da

atenção e do incentivo contínuos à "[...] preparação de recursos humanos para a educação" (VARELA, 1978, p. 425).

Antes de 1961, algumas experiências no campo de formação docente na Escolinha de Arte do Brasil (EAB)

*Se muito vale o já feito
Mais vale o que será
Mais vale o que será
E o que foi feito é preciso conhecer
Para melhor prosseguir.*
Milton Nascimento, Fernando Brant

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1952. Realizou-se no auditório do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), à Rua Pedro Lessa 36, com a presença de alguns de seus sócios fundadores - o artista e jornalista pernambucano Augusto Rodrigues e a artista e educadora gaúcha Lúcia Alencastro Valentim - a primeira Assembleia Geral Extraordinária da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), os trabalhos foram presididos pela educadora Ruth Gouveia. Nesta Assembleia além de eleitas a primeira Presidente da EAB, Cordélia de Moraes Vital, esposa do prefeito, do então Distrito Federal, João Carlos Vital e a psicóloga escolar Elisa Lopes Velloso, como vice-presidente, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB) foi oficializada mediante estatuto em que se lê, entre outras finalidades da instituição, a de ser um espaço de oferta de aulas e cursos para professores, para a orientação e formação de quadros (RODRIGUES, 1978).

Foi a partir da oficialização da EAB que os professores da rede pública e particular começaram a fazer parte do cotidiano da Escolinha, pois, segundo Augusto Rodrigues "[...] começaram a participar de cursos oferecidos na Escolinha [...]", que "[...] eram destinados especialmente a educadores [...]", quando passaram "[...] a diversificar o

público atendido” (RODRIGUES, 1973, p. 253). Sobre esta abertura da Escolinha, que até então direcionava suas atividades para o público infantil, para cursos de formação de professores, Lúcia Alencastro Valentim (apud AZEVEDO, 2000) afirma:

O Augusto [Rodrigues] ganhou um prêmio de viagem à Europa em 1953 e viajou em 1954, pois havia um período preparatório, uma burocracia a ser cumprida e até o artista ter condições de viajar se passava quase um ano. (...) O Augusto então, viajou, e eu fiquei na direção da Escolinha de Artes do Brasil no lugar que era dele, porque eu era a vice-diretora e todo o trabalho da Escolinha continuou normalmente (...). Naquele mesmo ano da viagem de Augusto, o Anísio Teixeira⁵ me mandou em uma determinada ocasião, uma especialista dele que era de alto nível e que era responsável pelo Programa de Aperfeiçoamento de Professores Bolsistas do Brasil inteiro e que era feito no Rio de Janeiro. Ele dava uns cursos de aperfeiçoamento todos os anos. Vinha gente de todos os estados e geralmente, eram 3 ou 4 de cada estado, formando umas 4 ou 5 turmas de professores. Esta professora especialista era responsável por este trabalho de fazer entrevistas e então ela foi fazer uma avaliação lá na Escolinha de Arte. O Anísio, já tinha uma ideia por trás quando ele mandou essa senhora. Ela passou uma tarde inteira, lá fazendo uma espécie de sabatina comigo (VALENTIM apud AZEVEDO, 2000, p. 141).

A especialista à qual se refere Valentim é a professora Lúcia Marques Pinheiro que trabalhava na Direção do então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) (INSTITUTO..., 1980, p. 63). Em seu relatório de avaliação, a professora Maria Lúcia Pinheiro afirma ser a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), “[...] uma interessante instituição a ser utilizada para estágios de professores de ensino artístico. Sou de parecer que essas oportunidades - do maior interesse

⁵ Então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, atualmente, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

para o INEP - deveriam ser aproveitadas” (PINHEIRO apud TEIXEIRA, 1970, p. 3). Esse parecer “[...] trouxe para a Escolinha um reforço muito grande de recursos de todo o tipo, porque de repente ela deu esse parecer favorável e o Anísio Teixeira pediu imediatamente um curso de Desenho para professoras” (VALENTIM, 2000, p. 142).

No documento “Escolinha de Arte do Brasil: análise de uma experiência no processo educacional brasileiro”, de 1978, foi registrada a realização deste curso, em 1954. Com o título de “Curso de Atividades Artísticas para Professores em parceria com o INEP”, teve Lúcia Alencastro Valentim na coordenação, e contou com a participação de “[...] 34 professoras, oriundas de vários Estados brasileiros” (RODRIGUES, 1978, p. 506). Este curso, na visão da então coordenadora, “transformou a Escolinha, esta já não era mais aquele grupinho de crianças reunidas num círculo trabalhando para a gente ver como é que elas evoluíam” (VALENTIM, 2000, p. 142), referindo-se às ações realizadas nos primeiros anos da instituição.

Em 1955, o curso “Teatro escolar para professores de diversos estados do país” foi realizado, também a pedido do INEP, através do seu diretor, Anísio Teixeira, que “[...] acima de tudo, via a Escolinha como um núcleo criativo, para desenvolvimento de um trabalho criador, de renovação” (VALENTIM apud AZEVEDO, 2000, p. 143). Naquele mesmo ano, Lúcia Alencastro Valentim deixa a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), por razões que explica:

Quando o Augusto Rodrigues voltou da Europa, trouxe algumas ideias para a Escolinha, mas o que ele não percebeu é que a Escolinha tinha sido transformada numa outra coisa com o advento dessas professoras, desses programas para as escolas e etc. Então nós nos desentendemos, porque eu achava que o que ele queria não ia dar certo pela maneira como estava sendo colocada para uma Escolinha totalmente diferente dos ideais dele. Com esse desentendimento, eu achei que deveria me afastar da Escolinha, porque,

afinal de contas, ele é quem tinha o nome da Escolinha (VALENTIM apud AZEVEDO, 2000, p. 143).

Apesar de seu afastamento, Lúcia Alencastro Valentim permaneceu colaborando com os cursos de especialização e formação de professores na EAB, inclusive como professora nas primeiras edições do Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE). É central registrar sua importância neste momento de “transição” da Escolinha de Arte do Brasil, de um espaço de experiências centrado na realização de atividades com crianças, para um espaço de especialização e formação de professores: consideramos que o trabalho de elaboração e realização desses cursos, em 1954 e 1955, foram fundamentais para essas efetivas mudanças de foco.

Em 1958, um novo curso para professores foi oferecido na Escolinha de Arte do Brasil (EAB), o “Curso de Atividades Artísticas para Professores”⁶, que ocorreu entre os dias 07 de janeiro e 07 de março de 1958. Nesse curso, as aulas teóricas e práticas foram programadas para ocorrerem às segundas e quartas-feiras, das 16 às 19h, e às sextas das 14 às 18h. Compunham o quadro docente do curso Augusto Rodrigues⁷, responsável pelas aulas de “arte e educação”, “desenho (prática)”, “formação do professor de atividades artísticas”, “interpretação das artes” e aulas de “gravura”; Cinira Menezes, professora de “evolução do desenho infantil”, e Ruth Gouveia professora de “desenvolvimento da criança através da recreação”, “atividades recreativas”. Ao lado deles, Solange Simas professora de “gravura”; Zélia Costa, professora de “Trabalhos Manuais”; Jeny Marcondes, professora de “Música”, Eneida de Moraes, professora de

⁶ Apostila do Curso de Atividades Artísticas para Professores de 1958. Acervo Escolinha de Arte do Brasil. Este curso, com a mesma denominação, já era realizado na Escolinha de Arte do Recife, regularmente, desde 1954 (VARELA, 1978).

⁷ Artista, jornalista e um dos fundadores da EAB.

“Literatura Infantil”; Édila Pires, professora de “Mímica”, e Hilton Araújo, professor de “Teatro de sombras”. No currículo do referido curso, encontramos ainda as palestras “Arte e sociedade”, com Darcy Ribeiro; “Arte e indústria”, com Carlos Cavalcanti, e “Arte Decorativa”, com Quirino Campofiorito.

O programa nos chama atenção pela diversidade de temas, tratados por um corpo docente eclético. Já nesse curso, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB) inova pela presença de diferentes linguagens artísticas em um mesmo curso de especialização. Nas palavras de uma participante do curso, a professora Maria Lúcia Freire, trata-se de um curso importante pela inovação (FREIRE, 2016). As qualificações são realizadas a partir da comparação com a formação na Escola de Belas Artes/RJ da época, instituição que, desde 1943, oferecia o curso de Professorado do Desenho (DELMAS, 2012); do qual, segundo Ana Mae Barbosa, os “[...] professores fugiam, porque este, dando uma orientação conteudística e didática em função do desenho geométrico, era um curso que apenas os profissionalizaria, mas onde pouco se iriam desenvolver como arte-educadores” (BARBOSA, 1975, p. 103).

Com a responsabilidade do aumento de professores brasileiros e estrangeiros, frequentando os cursos e interessados na experiência da Escolinha de Arte do Brasil, os diretores e professores da EAB se motivaram a reestruturar cursos e criar novas propostas (DELMAS, 2012). A ideia era criar outras possibilidades, outros caminhos de formação, renovar àqueles já existentes, para assim, receber mais alunos e, com isso, poder difundir a experiência Escolinha de Arte do Brasil (EAB), bem como seu princípio filosófico maior: a educação através da arte.

A partir de 1958, afirma Ana Mae Barbosa, quando “[...] o governo federal permitiu a criação de classes experimentais na escola primária e secundária [...]”, a equipe da Escolinha de Arte do Brasil

ficou responsável por “práticas” desenvolvidas nas escolas participantes, a instituição, a partir dessas experiências passou a estabelecer “[...] convênios com instituições privadas para treinar professores”. Estas experiências trouxeram status à EAB, de forma que passou a ser reconhecida “como centro para treinamento de professores de arte” (BARBOSA, 1984, p. 15).

Ainda naquele ano de 1958, a arte-educadora Noemia Varela envia uma carta ao diretor-técnico da Escolinha, Augusto Rodrigues. Nesta correspondência, Varela menciona o desejo por agir em prol de “um novo projeto”, “um curso de formação de professores”. Abaixo, destacamos um trecho da carta:

Recife, 24 de setembro de 1958.

Augusto,

Há dias falei com Raquel Crato e Paulo Freire sobre o nosso projeto. Com a primeira, por ter experiência bem próxima do que entendemos como boa orientação de escola pré-primária e primária, tendo procurado, no Instituto Capibaribe, respeitar a auto-expressão da criança e valorizá-la como parte do currículo. Ainda, pelo contato que tem tido com professoras - cursos para concursos e extensão. Em relação à experiência de Paulo, considero-a, sobretudo, pelo aspecto objetivo de sua crítica construtiva às nossas ideias. Raquel considera nossa experiência a base de suas observações diárias. Para ela, as Escolinhas devem funcionar, especialmente, porque não julga suficiente a atividade artística desenvolvida na escola primária. (...) Há muitos fatores a considerar em relação à integração da arte na escola. Não bastam diretores compreensivos - há necessidade de formar professores (...). Em relação ao curso foram essas as suas sugestões: a) melhor formação para compreensão da criança, de forma mais prática possível: psicologia do desenvolvimento, psicologia educacional (aprendizagem e motivação) em função da educação artística. (...) Paulo Freire achou o plano, em suas linhas gerais, ‘um dos

melhores em sua fase inicial de planejamento', entretanto 'utópico' se considerarmos nossa realidade. (...) Julga que nosso plano deva ser orientado dentro dos objetivos do Ministério de Educação e Cultura. Precisamos dar ao nosso projeto propósitos claros, imediatos, feição prática. (...). Com essa observação Paulo deseja defender nosso projeto frente ao julgamento do M. de Educação. Sugeriu também que o curso poderia ter uma parte introdutória - série de conferências sobre a realidade brasileira no plano da educação de base, levantamento de problemas críticos da educação entre nós, fundamentação filosófica ligada à arte e educação, como também à indústria e ao desenvolvimento econômico. Lembrou que o próprio Anísio Teixeira poderia integrar essa equipe de conferencistas (...). Quanto as matérias do curso, pensando na formação de professores, opinião de Paulo foi bem clara: além da parte criadora, do desenvolvimento estético da aluna-professora, focalizar as matérias de cultura geral. Creio que já temos muitas sugestões a considerar e com elementos comuns. Aguarde a opinião de [Antônio] Baltar com quem falarei amanhã. (...) Poderemos divulgar amplamente o que de melhor se fizer durante o curso (entrosamento das Escolinhas). Noêmia (INSTITUTO..., 1980, p. 76-77).

Do enunciado, observamos a importância que Noêmia Varela dava às opiniões de outros(as) professores (as) com relação ao projeto; não bastando a sua ou a de Augusto Rodrigues. Para ela, como podemos considerar a partir da correspondência, era muito relevante a “experiência bem próxima do que entendemos como boa orientação de escola” (VARELA apud RODRIGUES, 1980, p. 76) de Raquel Crato; assim como as sugestões do mestre Paulo Freire, buscando, na própria prática por ela desenvolvida, assim como na EAB, aproximações ao sugerido. A correspondência revela um interesse: a criação de curso de formação de professores e, a partir deste, a divulgação para o entrosamento das Escolinhas, em suas práticas e fundamentações. Varela sentia a necessidade de fundamentação teórica para enfrentar

oposições ao projeto, construir bases filosóficas, educacionais e culturais para ensinar a ensinar artes.

No inverno de 1959, oito meses após o envio da carta, mencionada acima, a arte-educadora Noemia Varela se afasta de suas funções na Escolinha de Arte do Recife (EAR)⁸ e da Escola de Belas Artes de Pernambuco, instituição onde era professora de “Didática do Desenho” e “Prática de Ensino” (VARELA, 1986, p. 16) desde 1954; e segue para o então Distrito Federal, onde passa a exercer a função de professora e diretora técnica e pedagógica na EAB.

No final daquele mesmo ano, as estudantes, recém-formadas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Iara Mattos Rodrigues, Berenice Gorini Rodrigues, Dione Greca Moraes e Elisabeth Prates Dias também chegam à cidade do Rio de Janeiro, encaminhadas por sua ex-professora, a desenhista e pintora Alice Ardohain Soares (1917- 2005), para realização de um “curso especial” na Escolinha de Arte do Brasil (EAB). A ideia desse “[...] grupo de companheiros de bancos escolares, ex-alunos do Instituto de Artes [...]” (CORONA, 1977, p. 200) era “realizar aquele curso especial”, para no retorno “[...] criar uma Escolinha de Arte (...) nos moldes daquela existente no Rio de Janeiro, em suas linhas de pensamento de educação através da arte” (CORONA, 1977, p. 200-201).

O grupo gaúcho foi recebido na Escolinha de Arte do Brasil (EAB), juntamente com professores do “[...] Rio de Janeiro, Bahia, Rondônia e Guanabara [...]” (VARELA, 1986, p. 16), para realização de um “estágio intensivo”, que teve duração de um mês. Nessa experiência, “[...] os debates programados reuniam estagiários e professores, das 9:00 às 17:00 horas, porém, o dia de trabalho terminava quase sempre

⁸ As funções realizadas por Noemia Varela na Escolinha de Arte do Recife passaram a ser exercidas pela arte/educadora Ana Mae Barbosa (LIMA, 2014).

às 21:00 horas [...]” (VARELA, 1986, p. 16). Durante os encontros, procurava-se analisar “[...] a experiência Escolinha de Arte do Brasil em sua estrutura e dinâmica, em seus processos e técnicas, em seus princípios fundamentais” (VARELA, 1986, p. 16).

No “estágio intensivo” não havia hierarquias, pois “[...] estavam todos envolvidos no diálogo e nas experiências criativas [...]” e “[...] as conferências e os estudos de textos e livros eram instrumentos para esclarecer o processo em marcha e seus aspectos educativos” (VARELA, 1973, p. 09). Os estudos teóricos eram centrais, mas “[...] havia também muito interesse na parte prática, no próprio processo criativo” (VARELA, 1973, p. 09). De acordo com Noemia de Araújo Varela, coordenadora desse “estágio intensivo”, esta foi uma “[...] experiência-matriz, de resultados surpreendentes” (VARELA, 1973, p. 10). As experiências realizadas ali “[...] apontaram para uma nova modalidade de curso: em tempo integral, estruturado com mais profundidade, congregando interessados de todo o país” (VARELA, 1986, p. 16-17), a saber, o Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE)⁹

.

Para finalizar

Com a escrita deste trabalho, buscamos dar visibilidade às distintas experiências realizadas na escolinha de Arte do Brasil (EAB) que, em nosso entendimento, podem ser consideradas como fundamentais ao processo de transição da EAB como instituição onde se desenvolviam experiências com grupos infantis, para um centro reconhecido de formação docente. A conclusão se baseia nas distintas ações desenvolvidas, principalmente, ao longo da década de 1950.

⁹ Tema que tratamos em nossa tese de doutorado, atualmente em processo de escrita.

As experiências aqui apresentadas demonstram o interesse da EAB em expandir sua filosofia, de forma adequada, baseada em seus princípios. Portanto, não são experiências elaboradas a partir de outras, mas da própria experiência EAB. Experiências que marcam os modos como a equipe de coordenação, docentes e direção da EAB compreendiam a formação, e os modos de ensino e aprendizagem da arte.

Referências

ANTÔNIO, Ricardo Carneiro. **Um oásis de sombra e luz em cada escola**: as Escolinhas de Arte e a formação do homem do futuro (1960-1970). Curitiba: UFPR, 2012.

AZEVEDO, Fernando Antônio G. **Movimento Escolinhas de Arte**: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa. 2000. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ECA-USP, São Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Redesenhando o desenho**: educadores, políticas e história. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **Arte/Educação**: conflitos e acertos. São Paulo: Max Limonad Ltda, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 6ª edição, revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CORONA, Fernando. **Caminhada nas artes**. Porto Alegre: UFRGS, 1977.

COUTINHO, Rejane G. **A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade**. 2002. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ECA-USP, São Paulo, 2002.

DELMAS, Anita de Sá e B. Braga. **A história da licenciatura em Educação Artística**: o novo currículo que resultou na invenção de uma nova tradição. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ser crânio**: lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/ Arte,. 2009.

FRANGE, Lucimar B. **Noemia Varela e a arte**. Belo Horizonte: C/ Arte,. 2001.

FREIRE, Maria Lúcia. **Entrevista**. Rio de Janeiro, 26 de out 2016. No prelo

FREIRE, Maria Lúcia. Entrevista concedida a Sidiney Peterson. Rio de Janeiro, 26 de out 2016.

LIMA, Sidiney Peterson F. Escolinha de Arte do Brasil: movimentos e desdobramentos. In: **Anais do 26o. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)**, Campinas: ANPAP, 2017, p. 1302-1314.

_____. **Escolinha de Arte de São Paulo**: instantes de uma história. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/ IA-Unesp, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, M. F. P. **Escolinha de Arte de Cachoeiro do Itapemirim**: resgate de uma história. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo/ UFES, Vitória, 2013.

RODRIGUES, Augusto (coord.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002413.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

____ (coord.). **Escolinha de Arte do Brasil**: análise de uma experiência no processo educacional brasileiro. 1978, p. 525-538. No prelo

_____. Uma experiência criadora na educação brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, INEP. v. 59, n. 130, Rio de Janeiro, jul/set. 1973, p.251-256.

VALENTIM, Lúcia A. Entrevista. Brasília, maio /junho de 1991. In: AZEVEDO, Fernando A. G. **Movimento Escolinhas de Arte**: em cena as memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa. 2000. Dissertação

(Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/ECA-USP, São Paulo, 2000.

VARELA, Noemia de Araújo. A formação do arte/educador no Brasil. In: BARBOSA, Ana Mae. **História da Arte/Educação** - A experiência de Brasília. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1986.

_____. Entrevista concedida a Maria Lúcia Freire. Rio de Janeiro, 1978. Acervo Escolinha de Arte do Brasil.

_____. Formação básica de uma educadora. In: RODRIGUES, Augusto (org.). **Escolinha de Arte do Brasil**: análise de uma experiência no processo educacional brasileiro. Rio de Janeiro, 1978, p. 395-430.

_____. **A arte no processo educativo**. In: **Arte & Educação**, Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, Ano I, p. 20, 1977.

_____. **Movimento Escolinhas de Arte**: imagens e ideias. Fazendo Artes. Rio de Janeiro: FUNARTE, v. 13, 1973.

TEIXEIRA, Anísio. As escolinhas de artes de Augusto Rodrigues. In: **Arte & Educação**. Rio de Janeiro, Ano I, p. 3, set. 1970, p. 3. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/escolinhas.html>. Acesso em: 27 set. 2019.

Data de submissão: 10/10/2019

Data de aceite: 23/12/2019

Data de publicação: 29/12/2019